

Sobre o Valor Religioso da Pesquisa

(Ensaio de Teilhard de Chardin, de 1947,
publicado no vol.9 das OC, intitulado “Ciência e Cristo”)

A propósito de uma carta enviada pela hierarquia à congregação, incentivando os seus membros a participarem activamente na investigação científica religiosa, Teilhard redige este texto, destinado aos outros padres jesuítas, em que demonstra concordância com a directriz recebida e a justifica.

Começa por se centrar no recente desenvolvimento da investigação, em todos os campos do saber; analisa e interpreta esse incremento, finalizando com a justificação, ou seja, a resposta à questão de saber porque é, de facto, importante a participação religiosa na investigação científica.

Relativamente ao primeiro ponto – o desenvolvimento da investigação a que se vinha assistindo, no século e meio até à escrita do artigo, em 1946 – o autor divide o conjunto das pesquisas em históricas e experimentais, tendo as primeiras como objectivo a reconstituição das fases e a trajectória do mundo passado, enquanto que as segundas se preocupam com a análise da estrutura do universo e procuram controlar as suas dinâmicas. Salienta, ainda, o contraste entre o pouco interesse outrora votado à investigação científica, em que os investigadores eram escassos e encarados como “excêntricos”, e aquilo que ele designa por “Ascensão moderna da pesquisa”. Afirmar mesmo que a pesquisa “tende a tornar-se o Grande Negócio do Mundo”, tal a extensão do número de pessoas envolvidas e das somas monetárias despendidas. Trata-se, pois, de uma actividade que, de pouco considerada, passou a ser uma “função humana vital” que ele compara ao interesse atribuído à nutrição e à reprodução.

No que se refere ao segundo ponto – a interpretação dessa inusitada ascensão da pesquisa – Teilhard de Chardin encontra, para este fenómeno, apenas uma interpretação possível, no seu dizer, a um tempo “muito simples no seu princípio e extremamente revolucionária nas suas consequências”: o Homem não está acabado na Natureza, ou seja, a criação do Homem não foi ainda concluída, antes se encontra “em plena evolução”. Isto porque o grupo humano consiste num conjunto super-reflexivo que resulta dos sucessivos processos de complexificação, desde as origens da vida, e que levou a um aprofundamento cada vez maior da Consciência.

Em consequência desta “super-reflexão colectiva”, o espírito humano demonstra, agora, ser capaz de “descobrir e manipular as forças materiais” que, agindo directamente sobre as leis da reprodução, da hereditariedade e da morfogénese, poderá provocar ou influenciar a transformação do seu próprio organismo, incluindo o cérebro. Com efeito, através da pesquisa, “para a qual o ser humano se sente extremamente atraído”, ele torna-se mais consciente, uma vez que a investigação produz, por si mesma, mais consciência.

A partir da reflexão sobre os dois pontos anteriores, Teilhard parte para a resposta à questão inicial sobre a razão pela qual os jesuítas devem participar deste movimento intenso da pesquisa, ou seja, justifica a directriz da hierarquia, por um lado, mas vai mais além, ao advogar uma investigação imbuída de fé e de amor a Cristo. Na verdade, reflecte ele, uma vez que é a investigação que melhor traduz o “poder criador de Deus”, é premente contribuir para o acréscimo de consciência no mundo, tornando-o cristificável, isto é, tomando Cristo como o motor do crescimento, através do acréscimo de consciência no Homem e na dinâmica do universo.

Assim, o incremento da investigação a que se assiste só pode explicar-se porque, na natureza, o Homem não se encontra ainda inteiramente criado, não está acabado, encontra-se em plena evolução. Deste modo, o grupo humano distingue-se dos outros na natureza pela sua capacidade super-reflexiva. Através do processo de complexificação crescente, que remonta às origens da vida, essa capacidade super-reflexiva, ou consciência, aprofunda-se, cresce cada vez mais. Para isso, contribuem também as crises sociais, nomeadamente as de fé e as religiosas.

Por outro lado, essa capacidade super-reflexiva, cada vez mais profunda, dá lugar ao aumento da investigação, já que o Homem pode, agora, “descobrir e manipular” as forças materiais capazes de influenciar as leis da reprodução, hereditariedade e da morfogénese, ou seja, transformar o seu próprio organismo, incluindo o próprio cérebro. E Teilhard encara como “absolutamente provável” que a ascensão da pesquisa se deve precisamente à capacidade que o Homem já tem de aprofundar a sua própria evolução, por outras palavras, de aumentar o grau de consciência. Então, ao invés de se tratar apenas de curiosidade, de necessidade de explorar o universo, “a febre ou paixão de saber e dominar” (o universo) não é mais do que o resultado da evolução e, portanto, do aumento da consciência. A investigação é, pois, um esforço “irresistível” para sobreviver e para ir mais além, de uma forma irreversível.

Daqui, Teilhard parte para a resposta à questão sobre a importância da participação dos jesuítas na pesquisa humana e de a impregnar de fé e de amor a Cristo: porque é na pesquisa que se exerce, da forma mais intensa, o poder de Deus, tanto no ser humano como na natureza que o envolve. E isto porque, como já vimos, a pesquisa dá origem ao “acréscimo de consciência” no mundo, ou seja, contribui para a evolução, para que o ser humano se torne visível, acabado, enfim, para que a sua encarnação e redenção tenham lugar na sua plenitude. E porque todo o fruto da pesquisa é cristificável, ela contribui, igualmente, para que “o Mundo seja, até ao extremo”.

Teilhard conclui que os padres jesuítas devem envolver-se na investigação, visto ser através dela que “emerge toda a verdade”, para que, através do Homem, do Universo em movimento, Cristo dê forma a todo o crescimento.

Reflectindo, agora, sobre esta sua visão, o seu “ponto de vista”, Teilhard de Chardin admite que se podia adjectivá-lo de “teológico”, apesar de reconhecer que o mesmo “ponto de vista” se pode encarar em termos de psicologia e de vida interior.

O conceito de Ciência de Teilhard confere ao Homem “poderes quase mágicos” que o tornam capaz de ser ele próprio a orientar a marcha da evolução e o faz sentir-se ligado ao futuro, ao progresso do mundo, embora reconheça que este conceito contribuiu para “a crise religiosa moderna” a que se assiste – o conflito, que ele considera aparente, entre fé religiosa, a fé em Deus (o antes), e a fé na Ciência (o agora). E será aqui que se situa a intervenção da pesquisa jesuíta, na conciliação entre estas duas fés.

Surgem, então, duas novas questões:

- Qual o método?
- A quem confiar a “missão”?

Para responder à primeira questão, Teilhard socorre-se da apologética, uma disciplina da teologia cristã, e afirma que a Fé em Deus e a Fé no Mundo se complementam, sendo dois componentes essenciais de uma **mística cristã completa**. Deste modo se estabelece uma conciliação, em vez de contradição, entre um *Adiante*, da mística neo-humanista, e o *Acima* da mística cristã e se ultrapassa a crise em que se encontra a humanidade pela “aparente” contradição entre estas duas místicas. Em síntese: “é impossível *Ir para Cima* sem se mover *Para a Frente*, como também progredir *Para a Frente* sem tender *Para Cima*”.

Antes de responder à segunda questão – A quem confiar a missão? – Teilhard começa por explicitar melhor a missão que propõe, e que será “fazer crentes *completos*”, nos dois lados, ou seja, será necessário que tanto os neo-humanistas se tornem crentes na fé cristã, como que os crentes em Deus se tornem crentes na ciência. E quem são os agentes desta transformação? São, precisamente, os padres jesuítas, os filhos de Santo Inácio.

Teilhard faz, então, um apelo ao agir, à acção, ao ir para além do saber livresco: “não é de tratados nem de livros que precisamos”, antes de homens, homens que ajam, em primeiro lugar, sobre si próprios, operando a mudança em si mesmos e *num só coração*, tal como na aviação foi necessário avançar para além da teoria e dos “cálculos sobre a resistência do ar”, foi preciso voar.

A história da Companhia de Jesus demonstra, na visão de Chardin, a sua defesa do Humanismo cristão que, no passado, se circunscrevia a três disciplinas – As Belas Artes, a Matemática e a Religião. Contudo, o desenvolvimento do mundo moderno – o neo-humanismo – acrescentou “gravidade e responsabilidade” sobretudo no que concerne à formação dos jovens noviços, nos quais “brilha e arde a centelha da fé humana no futuro da Humanidade”. E a urgência da reforma exprime-se, com veemência, na interpelação, repetida, aos membros da Companhia: “**Que esperamos para** inculcar-lhes o dever e dar-lhes toda a ocasião possível para alimentar e aumentar este fogo no próprio Fogo que eles vêm procurar entre nós, do Amor de um Deus Encarnado?” e “**Que esperamos para** lançá-los (com todas as precauções necessárias, é claro) no mais aceso da Pesquisa humana ...”, fazendo apelo à mudança na formação dos futuros padres jesuítas, que deve “dar-lhes as condições para que alimentem o seu Amor a Deus”, que já trazem, mas dar-lhes a conhecer “um Deus Encarnado”, incentivando-os à pesquisa humana. E Teilhard estabelece, com firmeza, a diferença entre uma formação passada e ultrapassada, “**não mais**” para “**o culto e imitação dos Grandes Antigos**, mas para a génese de um Super-Homem” e, relativamente à investigação, “**não nessas zonas neutras ou ultrapassadas (...)**”, que designa por Ciências do Passado, em contraste com a necessidade de se integrarem “**nessas zonas activas e críticas** onde se luta neste momento para conquistar as grandes cidadelas da Matéria e da Vida”, formando, assim, “crentes *completos*”.

Teilhard adverte, todavia, para a condição *sine qua non* para que a Companhia possa fazer a síntese das duas fés que ele propõe, i.e. que tenham claramente percebido, “de uma vez por todas”, as exigências do “espírito moderno”: “O Reino de Cristo, ao qual nos dedicamos, só poderia estabelecer-se, na luta ou na paz, sobre uma terra levada, “*por todas as vias da Técnica e do Pensamento*” ao extremo da sua humanização. Temos aqui patente a sua defesa da técnica e do pensamento científico como motores do progresso da humanidade e da fé em Deus.

Teilhard termina o seu discurso com um apelo à fé na pesquisa – “devemos *crer* na Pesquisa” – aliada à fé cristã – “efectuada com fé” – com vista à união na ciência, na investigação e, afinal, na “unanimidade humana”.

(Apresentado por Maria José Lopes, sócia da AAPTCP,
na 5ª sessão por zoom do “Seminário 24/25”, 06.02.2025)